

VIVÊNCIAS EM VERSOS: A MÚSICA COMO REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS POVOS DO CAMPO

EXPERIENCE IN VERSE: THE MUSIC AS A REPRESENTATION OF
RURAL PEOPLE'S CULTURAL IDENTITY

Julio Rodrigues de Oliveira¹

Universidade Estadual do Paraná- Campus Campo Mourão

olineto20@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-4375-1378>

Marcos Clair Bovo²

Universidade Estadual do Paraná- Campus Campo Mourão

mcbovo69@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3582-6702>

Fred Maciel³

Universidade Estadual do Paraná-Campus Campo

fredmaciel06@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5324-5157>

Submetido em 25/10/2024

Aprovado em 06/04/2025

Resumo

A música pode ser considerada um elemento de representação social, refletindo a identidade cultural de grupos por meio da expressão de suas experiências e valores, como é o caso para os povos do campo, que, em meio às mudanças nos seus modos de vida impulsionadas pela modernização agrícola, resistem em seus locais de origem. Dessa forma, este artigo objetiva analisar as representações das identidades culturais dos povos do campo a partir de músicas sertanejas e como estas representam duas classes distintas no espaço agrário: de um lado, os descendentes de latifundiários; de outro, os proprietários de pequenas propriedades rurais. Para essa análise, baseamo-nos na busca de referenciais teóricos sobre identidade cultural, campo e música, concomitantemente à análise de letras de canções do gênero sertanejo. Com base nas análises realizadas, constatamos que a música pode ser considerada um elemento político, essencialmente no que se refere à representatividade, evidenciando contrastes entre estilos e grupos sociais vinculados.

Palavras-chave: Representação Social; Identidade Cultural; Agricultura; Campo; Música Sertaneja.

Abstract

Music can be considered an element of social representation, which reflects the cultural identity of groups through the expression of their experiences and values. Therefore, music is often used as a means of resistance and representation, which also happened in the countryside. After their way of life changed due to agricultural modernization, rural people tend to resist in their places of origin. That being said, this paper aims to analyze rural people's cultural identity representation based on country music and how it represents two different classes from the agrarian space: on one hand, there are the landowners' descendants; on the other hand, the owners of small rural properties that make a living by running a family farm. This study is based on theoretical framework about cultural identity, agrarian space and music, as well as on country song lyrics analyses. The results suggest that music can be considered a political element, especially when it comes to representation, highlighting the contrast between styles and linked social groups.

Keywords: Social Representation; Cultural Identity; Agriculture; Agrarian Space; Country Music.

Introdução

Ai que vontade de ouvir de novo moda sertaneja
Que hoje não se faz
Parece até que a sensibilidade
Ficou na saudade não existe mais
(Milionário & José Rico, 2002).

Nos versos da canção “Memória Esquecida”, a dupla sertaneja Milionário & José Rico evoca a nostalgia das músicas que refletiam a forma mais autêntica de viver no campo. Reconhecemos que a música é um elemento de representação social. Portanto, ao analisar o sertanejo universitário e observar seu distanciamento dos modos de vida rural, faz-se necessário examinar os processos sócio-históricos que moldaram esse movimento.

A década de 1960 no Brasil representa um período histórico crucial, quando a população deixou de ser predominantemente rural e passou a se concentrar em áreas urbanas. É essencial reconhecer os processos socioculturais por trás desse movimento, que desencadearam mudanças significativas no que significa “viver no campo e ser do campo”. Logo, ao nos referirmos ao campo no Brasil, devemos considerar que ele é marcado por um cenário de lutas e resistências (Oliveira, 1990).

Desse modo, é relevante reconhecer o cenário mitigador de mudanças que predominava no país, iniciado nos anos de 1960, em que o movimento agrícola da modernização da agricultura tinha

¹- Atualmente é professor da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, atuando na área de Educação com ênfase em Geografia. É mestre pelo Programa de Pós-graduação interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná (2023). Possui Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus Campo Mourão (2022), além de Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Faveni (2024).

²- Atualmente é professor do Departamento de Geografia da Unespar, professor e coordenador o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da mesma instituição. Doutor em Geografia pela Unesp - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus Presidente Prudente (2009). Mestre em Geografia pela UEM - Universidade Estadual de Maringá (2002). Graduado em Geografia pela UEM - Universidade Estadual de Maringá (1993), graduado (licenciatura) em História pela UniCesumar (2019). Líder do GEURF – Grupo de Estudos Urbanos.

³- Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Unespar. Doutor (2018) em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (campus Franca), na linha de pesquisa História e Cultura Política. Pós-doutorado (2018-2020) junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (campus Campo Mourão). Graduado (Bacharelado e Licenciatura - 2010) em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (campus Franca). Mestre (2013) e Membro do Grupo de Pesquisa Intelectuais e Política nas Américas (IPA - Unesp) e do Nodo Latinoamericano de Estudios sobre Interdisciplina y Transdisciplina (ESIT).

como intuito o aumento da produtividade nesse setor, por meio da eficiência na produção a partir da utilização da mecanização, agrotóxicos e o início da biotecnologia aplicada na manipulação de sementes, por exemplo. Balsan (2006, p. 125) tenciona algumas consequências desse processo, reforçando “[...] além da acirrada concorrência no que diz respeito à produção, os efeitos sociais e econômicos sofridos pela população envolvida com atividades rurais”.

Esse processo foi fortalecido pelas políticas do governo do então presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), cujo mandato foi marcado pela repressão política e censura, sendo o terceiro governo durante o regime militar (1964-1985). Durante esse período, medidas conhecidas como o “milagre econômico” foram implementadas, resultando em um crescimento econômico acelerado, impulsionado pela modernização do setor agropecuário e pela expansão das exportações, visando transformar o Brasil em um país “agroexportador”.

No entanto, esse processo beneficiou apenas os proprietários de grandes posses rurais, acentuando a concentração de terras agrícolas nas mãos de poucos. Por outro lado, os proprietários de pequenos domínios rurais e as comunidades tradicionais ficaram sem oportunidades de trabalho. Em consequência da perda de autonomia econômica, muitos camponeses, alguns até forçados por ameaças, abandonaram suas vidas ligadas ao campo e suas memórias afetivas construídas ao longo dos anos.

Em contrapartida, o campo passou por um cenário de transição, no qual a diminuição da população residente na área rural, novos modelos de produção agrícola e a inserção de um novo estilo de vida, baseado nos avanços da globalização, criaram um cenário de mudanças e transição na identidade cultural dos povos do campo (Teles, 2019). Esses novos elementos foram amplamente difundidos e representados pela mídia e pela comunicação, como em canções, obras literárias e na mídia visual e sonora.

Desse modo, ao analisar as identidades culturais dos povos do campo, entendemos que essas estão intrinsecamente relacionadas aos processos socioculturais desse grupo social, no qual é importante entender o meio em que estão inseridos, os quais buscam respeito, valorização e visibilidade de suas raízes culturais, sem deixar desfalecer sua verdadeira identidade cultural, tendo em vista o avanço de estilos musicais que “ditam” narrativas fatídicas de estilos de vida que atendem a realidade de poucos, os proprietários de grandes extensões de terras agrícolas: “no Brasil, a história agrícola está ligada à história do processo de colonização no qual a dominação social, a política e a econômica da grande propriedade foram privilegiadas” (Balsan, 2006, p. 126).

Dessa forma, o presente artigo objetiva analisar as representatividades das identidades culturais dos povos do campo a partir da música sertaneja e como esse gênero musical, em seus diferentes subgêneros, apresenta duas realidades distintas existentes no campo: os proprietários de pequenas propriedades rurais e os latifundiários.

Para a realização dessas análises, recorreremos à busca de referenciais teóricos sobre identidade cultural, campo e música, concomitantemente à análise de letras de canções do gênero sertanejo em diferentes momentos, desde o sertanejo clássico ao universitário.

Destacamos a relevância da temática proposta para investigação, considerando que os sujeitos residentes no campo possuem uma história e um contexto de vida que não podem ser menosprezados. É necessário reconhecer e valorizar essas vidas, tanto quanto as de pessoas em diferentes espaços, além de entender essa subjetividade como parte da diversidade cultural brasileira. Conhecer e valorizar as experiências das comunidades residentes no campo contribui para uma compreensão mais ampla e inclusiva da nossa sociedade.

Para tanto, o presente texto está organizado em seções, com a primeira abordando uma revisão teórica da identidade cultural aplicada aos povos do campo. Em seguida, apresentamos uma análise das músicas sertanejas clássicas e universitárias, examinando como estas refletem diferentes contextos de representatividade social dos povos do campo, para, em sequência, concluirmos com nossas considerações finais.

Identidade Cultural: representatividade das manifestações culturais dos povos do campo

Em relação aos estudos da área das Humanidades, entendemos que a Identidade Cultural é um termo que está em evidência, tendo em vista que nas últimas décadas denota-se uma onda de movimentos sociais, essencialmente dos grupos ditos “minorizados em direitos”, como, por exemplo: negros(as), feministas, homossexuais, indígenas, que buscam reivindicar os direitos sociais e políticos negados historicamente.

O que se percebe em comum entre esses grupos é a busca proeminente da afirmação de suas identidades culturais: “a guerra por justiça social foi, portanto, reduzida a um excesso de batalhas por reconhecimento” (Bauman, 2005, p. 43). Douglas Kellner corrobora com Bauman (2005) ao destacar que “os discursos em torno de raça, classe, etnias, preferências sexuais e nacionalidades desafiaram os discursos teóricos a explicar fenômenos antes ignorados ou subestimados” (Kellner, 2001, p. 35).

É o caso dos povos residentes no campo, dos quais uma parcela, mesmo diante do êxodo rural, permaneceu devido às oportunidades de trabalho ou à posse de propriedades rurais, buscando reafirmar suas identidades por meio da relação com o trabalho e, principalmente, do contato com as paisagens rurais.

Bauman (2005) denota que a identidade pode ser interpretada como uma “faca de dois gumes”, estando atrelada à luta pelos direitos de “ser e pertencer” à sociedade. Para o autor:

A identidade é um grito de guerra usado em uma luta defensiva: [...] um grupo menor (e por isso mais fraco) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora). [...] A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado (Bauman, 2005, p. 83-84).

Dessa forma, Maria da Graça Corrêa Jacques, no livro “Psicologia social contemporânea” (1998), pondera que a identidade é analisada em diferentes períodos históricos: “a importância conferida ao estudo da identidade foi variável ao longo da trajetória do conhecimento humano, acompanhando a relevância atribuída à individualidade e às expressões do eu nos diferentes períodos históricos” (Jacques, 1998, p. 159), ou seja, a identidade cultural acompanha as mudanças ocasionadas em um espaço e tempo.

O sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2020) reflete que as identidades até a modernidade eram tidas como fixadas e imutáveis, de modo que, com a pós-modernidade ocorreu uma ruptura dessa lógica, a partir do descentramento do sujeito e a partir das múltiplas identidades que pode aderir em simultâneo.

Bauman (2005) corrobora com Hall (2020) ao considerar que:

Tornando-nos conscientes de que o “pertencimento” e “a identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões do próprio indivíduo tomam, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para “o pertencimento” quanto para a “identidade” (Bauman, 2005, p. 35).

Assim sendo, haja vista o processo da globalização ter encurtado as fronteiras geográficas e aproximado pessoas de diferentes localidades do mundo, Bauman (2005) e Hall (2020) reforçam que, na atualidade, foi permitido o estreitamento das fronteiras físicas, com pessoas conectando-se a partir de laços culturais criados como novos padrões de identidade, a partir das mudanças. Há

também a percepção referente às identidades serem bastante revogáveis, enquanto uma visão do campo da Sociologia, que afirma que as identidades são construídas socialmente e podem ser alteradas ao decorrer do percurso da vida: “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos [...]” (Hall, 2020, p. 12), como as que ocorrem partir das transformações sociais no campo.

Na busca pela conceituação do termo identidade, Jacques (1998, p. 138) destaca que a identidade é referente à “[...] representação e conceito de si; em geral, referem-se a conteúdos como conjunto de traços, de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio” (Jacques, 1998, p. 138).

Tendo em vista que as mudanças espaciais e temporais causam efeitos de mudanças sociais para a sociedade contemporânea, as transformações que ocorreram nos espaços rurais ao passar das décadas não iriam possuir efeito contrário. Esse processo culminou em novas formas de viver para o homem do campo, envolvendo a dualidade entre a manutenção de suas tradições e a inserção no mundo globalizado e capitalista. Como já citado, esse movimento iniciou-se na década de 1960, tendo um efeito exponencial nas próximas décadas.

Portanto, a incorporação de novos modos de produzir trouxe efeitos significativos de mudança para a vida dos camponeses, sendo que o mais impactante será o movimento de saída da área rural em direção aos espaços urbanos em decorrência da falta de oportunidades que ocorrerá no campo. Em vista disso, os autores Tonezer, Trzcinski e Arns (2017) complementam Balsan (2006) ao citar que:

[...] se por um lado a modernização agrícola contribuiu para um aumento da produção e produtividade, por outro, a renda e a qualidade de vida de inúmeros indivíduos não aumentaram na mesma proporção. Ao contrário, observou-se que o meio rural foi acometido por um forte êxodo, isso porque, muitos produtores não “conseguiram se modernizar” gerando crescente exclusão (Balsan, 2017, p. 125).

Diante dos fatos evidenciados, destacamos que a identidade cultural está relacionada à maneira como os indivíduos de diferentes grupos culturais se reconhecem e são reconhecidos em um contexto social. Nesse processo, são incorporados elementos como valores, tradições, práticas e símbolos que reforçam a pertença a uma comunidade. Conforme destacado por Bauman (2005), esses elementos podem ser reafirmados, transformados ou contestados ao longo do tempo.

No contexto da pesquisa sobre os povos do campo no Brasil, a identidade cultural se manifesta, por exemplo, por meio do universo da música sertaneja, na qual as relações com a terra entre proprietários de pequenas propriedades rurais e latifundiários são expressas artisticamente.

Para avançar nesta análise, na próxima seção, exploraremos como as letras de músicas sertanejas representam as dinâmicas de experiências e desafios enfrentados pelos povos do campo no contexto da sociedade contemporânea, refletindo sobre suas práticas culturais em um espaço e tempo.

Melodias que narram histórias de vida: as músicas sertanejas em diferentes contextos

A música traduz-se como uma forma de representatividade cultural e identitária para apresentar temáticas específicas sobre as transformações que foram ocorrendo ao passar das décadas. Nesse sentido, as músicas sertanejas destacam-se como veículos de expressão das vivências e desafios dos povos do campo.

A partir de versos cativantes, retratam relatos das práticas culturais, a vivência no campo, como, por exemplo, o êxodo rural, hábitos, costumes, relação com a natureza, trabalho, religião, relações humanas e o romantismo. Assim, por meio da música podemos realizar uma análise sobre estilos de vida e, conseqüentemente, sobre práticas socioculturais.

À vista disso, para análise de representatividade da música enquanto um instrumento de comunicação, tenciona-se a necessidade de recorrer-se à teoria da representação social, proposta por Serge Moscovici, psicólogo social romeno, que estudou como os conhecimentos e crenças compartilhadas em uma sociedade moldam a percepção e a comunicação dos indivíduos, a partir das experiências vivenciadas na comunidade. De acordo com o autor:

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa (Moscovici, 2007, p. 43).

Desse modo, as músicas sertanejas podem ser percebidas como um reforço da identidade cultural dos povos do campo, a partir da tradução da realidade rural que foi sendo alterada ao passar das décadas. Logo, a música sertaneja também exprime uma alternativa de valorização da vida no campo.

O etnomusicólogo John Blacking, complementa Moscovici (2007) ao explicar que a música é um elemento das manifestações culturais:

A “música” é um sistema modelar primário do pensamento humano e uma parte da infraestrutura da vida humana. O fazer “musical” é um tipo especial de ação social que pode ter importantes consequências para outros tipos de ação social. A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana (Blacking, 2007, p. 201).

Por conseguinte, a música sertaneja constitui-se como um reflexo das práticas socioculturais dos povos residentes no campo. Nesse sentido, Prados e Geraldles (2012) explicam que a sociedade residente na área rural pode expressar sua cultura justamente por meio da música, sendo uma forma de manifestação dos costumes, crenças e modos de vida. Trata-se de uma linguagem que preserva memórias e, em simultâneo, acompanha as transformações sociais. Nesse contexto, o sertanejo reflete as articulações entre tradição e modernidade, autenticidade e mercantilização. Para as autoras:

A sociedade rural expressa, por meio da música de raiz, sua consciência coletiva, a sua maneira de ser, sua visão de mundo. Esses valores incorporam e caracterizam uma identidade cultural; sustentam aspectos dos sistemas de valores e dos sistemas de crenças que integram esse imaginário coletivo da comunidade do interior paulista. As letras dessas músicas fazem referências à vida pacata dos pequenos povoados, ao convívio familiar, aos hábitos e costumes da gente simples da roça, à valorização da natureza, ao trabalhador rural, à religiosidade e ao misticismo que marcam a sociedade caipira. Na etapa fundamental desses discursos, subjacentes ao texto das letras das canções manifestam-se sistemas de valores presentes na visão de mundo da comunidade caipira (Prados; Geraldles, 2012, p. 71).

Tendo em vista o contexto histórico e a formação social do Brasil, buscamos analisar a relevância dos processos que ocorreram no campo para a constituição da cultura brasileira; portanto, observamos que a música sertaneja apresenta uma magnitude no cenário cultural brasileiro, visto que, atualmente, o sertanejo é o ritmo mais ouvido no Brasil (ECAD, 2018), exemplificando na plataforma de músicas *Spotify*, demonstrando uma ampla aceitação, sendo elemento cultural do povo brasileiro. Consoante às ponderações destacadas, a música sertaneja de raiz faz essa valorização do homem que vive no campo.

A música sertaneja tem suas origens no início do século XX no Brasil, com influências das tradições indígenas, africanas e europeias, especialmente nas regiões rurais do país (Teles, 2019).

Inicialmente conhecida como música caipira, suas letras e melodias eram simples e contavam histórias sobre o cotidiano do trabalho rural e a relação com a natureza. Essas canções eram apresentadas em reuniões familiares, com o uso da viola e do acordeão. Esse início, apegado aos costumes e tradições rurais, representava a essência da vida no interior do Brasil, sendo uma autêntica expressão do que é viver no campo.

A canção “Franguinho na Panela” (1980), de autoria dos compositores Moacyr dos Santos e José Plínio Transferetti (conhecido popularmente como Paraíso), ganhou o apreço popular entre as músicas clássicas do repertório sertanejo brasileiro, a partir da interpretação da dupla Lourenço & Lourival (1982). Nos versos da melodia, é recorrente a beleza das coisas simples da vida. Vejamos:

No recanto onde moro é uma linda passarela
O carijó canta cedo, bem pertinho da janela
Eu levanto quando bate o sininho da capela
E lá vou eu pro roçado, tenho Deus de sentinela
Tem dia que meu almoço é um pão com mortadela
Mas lá no meu ranchinho, a mulher e os filhinhos
(Lourenço & Lourival, 1982).

Os versos supracitados da música tencionam a essência da vida rural brasileira a partir da ênfase na simplicidade e os valores arraigados de práticas do cotidiano no campo, através da percepção da riqueza encontrada no lar, da beleza nas coisas simples e da forte relação com o trabalho.

Os versos da música tencionam um tributo à identidade cultural dos povos do campo a partir da edificação do trabalho árduo em consonância com a relação com a terra e a partir da vida simples e sentimento de orgulho de viver dessa forma, o qual a canção estimula e ressalta que esses valores não são encontrados em outros contextos.

Outros exemplos de canções sertanejas que abordam histórias e temáticas românticas surgiram durante a fase do sertanejo romântico dos anos 1990. Três duplas se destacaram como intérpretes de músicas sertanejas marcantes: Chitãozinho & Xororó, Leandro & Leonardo e Zezé Di Camargo & Luciano.

Essas duplas incorporaram elementos do pop e da música internacional, atraindo também o público urbano. Um exemplo emblemático desse movimento romântico é a música “Evidências”, composta por Paulo Sérgio Valle e José Augusto em 1989, gravada pela dupla Chitãozinho & Xororó em 1990, que obteve uma repercussão sem precedentes.

Por outro lado, nem sempre as músicas sertanejas destacam apenas as coisas positivas da vida e a simplicidade de viver no campo. Elas também servem como instrumento político para denunciar as condições de vida nas áreas rurais e a falta de políticas públicas eficazes para o apoio aos pequenos proprietários. Um exemplo disso é evidenciado na música “Franguinho na Panela”. Segundo a letra da canção:

Quando eu fico sem serviço, a tristeza me atropela
Eu pego um bico pra fora, deixo cedo a corrutela
Eu levo meu viradinho, é um fundinho de tigela
É só farinha com ovo, da gema bem amarela
É esse o meu almoço, que desce seco na goela
Mas lá no meu ranchinho, a mulher e os filhinhos
Têm franguinho na panela
(Lourenço & Lourival, 1982).

As músicas enquanto elementos de representação social podem ser utilizadas como instrumento de denúncia sobre situações que carecem de uma atenção mais atenta da sociedade, tal como no trecho da canção citada anteriormente, tangenciando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores rurais em relação à falta de emprego, que acarreta condições de vulnerabilidade ao ter que optar por uma refeição não tão completa com todos os nutrientes necessários, para a alimentação de seus familiares.

Esse fator engendra uma das condições negativas da modernização agrícola, nos quais os donos de pequenas propriedades rurais perderam espaço e condições para trabalhar. De acordo com Abramovay (2000), um problema pontuado no início dos anos 2000 e que se intensificou na atualidade (2024) é a impossibilidade de o pequeno produtor realizar sua vida exclusivamente do rendimento agrícola.

Bastaria ver a crescente do agronegócio como expressão do capitalismo no espaço rural, ou seja, na contemporaneidade o rural sofreria um processo de dualidade: “[...] o rural brasileiro inscreve-se em uma lógica na qual políticas públicas atestam, institucionalmente, a dualidade desse mundo, evidenciada por dois cenários distintos: um voltado ao agronegócio e outro a agricultura familiar” (Tonezer; Trzcinski; Arns, 2017, p. 53).

Em relação à agricultura familiar, esta pode ser representada enquanto um modelo de produção que apresenta o núcleo familiar (pais e filhos, ou seja, geração a geração) envolvido nas

fases de realização. No contexto brasileiro, apresenta-se a diversidade de modelos de produzir, conforme a edição de 2011 do Atlas do Espaço Rural Brasileiro destaca:

A geografia da agricultura familiar no Brasil passa por uma diversidade de contextos regionais, abrigando um universo social heterogêneo que abrange tanto os pequenos agricultores do sul do Brasil, herdeiros da “policultura colonial” dos migrantes europeus do século XIX, quanto os ribeirinhos do ambiente fluvial da Amazônia até aqueles situados no agreste nordestino, historicamente localizados na proximidade da monocultura da cana-de-açúcar (Atlas, 2011, p. 114).

A agricultura familiar no Brasil, em seu contexto de múltiplas características, projeta-se como uma maneira de resistência dos pequenos proprietários rurais permanecerem em suas terras, de modo que a diversidade geográfica e social representada no contexto brasileiro foram por muito tempo retratadas nas canções sertanejas que sugerem a manutenção da vida rural.

De acordo com os dados do anuário da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG, 2023), a agricultura familiar responde por 40% da renda da população economicamente ativa em 90% dos municípios com até 20 mil habitantes, que representam 68% do total do país. Desse modo, o dinheiro que circula nas cidades de pequeno porte é gerado principalmente por essa fonte de renda, possibilitando o giro econômico e a geração de renda.

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2024) informa que a agricultura familiar é responsável por cerca de 80% dos alimentos consumidos no mundo. No Brasil, ela contribui para a alimentação e renda dos produtos envolvidos nessa atividade econômica. No entanto, é importante ter em mente que esses benefícios e vantagens da agricultura familiar, muitas vezes, são “mascarados” pela indústria cultural.

A indústria cultural, termo desenvolvido por Max Horkheimer e Theodor Adorno, refere-se à produção em massa de arte e entretenimento, típica das fábricas e indústrias, adaptada às produções artísticas comerciais como músicas, filmes, espetáculos e outras manifestações culturais como a propaganda. Uma propaganda televisa, por exemplo, apresentava o slogan do agronegócio ser “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, sem de fato utilizar-se do conceito.

Em relação à propaganda, ela utiliza o discurso para persuadir transversalmente em um viés ideológico alinhado aos interesses da classe que a veicula. Nesse sentido:

A Indústria Cultural acompanha o desenvolvimento do modo de produção capitalista, sendo elemento fundamental de sua etapa contemporânea, como um marco civilizatório global, atravessando as grandes matrizes culturais das sociedades. Se a sua função de publicidade atua diretamente na circulação das mercadorias, a de propaganda tem permitido a expansão do sistema a partir da conscientização para novas necessidades e certo conformismo ideológico frente às diferenças de classes. Porém, enquanto setor econômico, as estruturas que a sustentam também são modificadas de acordo com as atualizações do mercado (Santos; Rocha; Lemos, 2016, p. 150).

Outro exemplo de propaganda é o sertanejo universitário, que teve início nos anos 2000. Seu primeiro momento representou as transformações ocorridas no campo, como as mudanças sociais e tecnológicas (Santos; Rocha; Lemos, 2016). Seu início foi influenciado pela música pop, em que as letras abordavam temas universitários, relacionamentos e festas, o que não apenas atraiu ouvintes do campo, mas também atraiu a atenção do público jovem e urbano. São cantores expoentes dessa fase inicial os artistas Jorge & Mateus e Luan Santana.

Por outro lado, gradualmente esse subgênero do sertanejo acabou por ter adaptações para atender os interesses do agronegócio, alinhando os valores de prosperidade a partir do setor agropecuário, “mascarando” o lado contraproducente que esse modelo de produção traz à terra. Desse modo, pode-se inferir que o sertanejo universitário se tornou uma vitrine de promoção dos interesses do grupo dominante que controla o agronegócio, reafirmando ideais políticos e culturais de caráter expansionista, no Brasil: “[...] o sertanejo universitário é um ritmo advindo da indústria cultural e do regime de acumulação integral capitalista” (Teles, 2019, p. 25).

Por exemplo, a canção “Os Menino da Pecuária” (2021), composta por Leo Targino, Rapha Soares e Rodolfo Alessi, interpretada pela dupla sertaneja Léo & Raphael, retrata a realidade do agronegócio brasileiro, ao destacar a produção da pecuária:

De ponta a ponta o Brasil
Tem boiadeiro movimentando a parada
Não é a toa que o PIB começa com P, de pecuária
Eu não tenho carro importado
Mas a Hilux é do ano toda suja de barro
Calculo o valor que tá o gado
Quantas Ferrari tem aqui nesse pasto
Os menino da pecuária, oh
Não para, oh, oh
Senta que aqui nós tem dinheiro

Nós usa chapéu de palha, oh
(Léo & Raphael, 2021).

Apesar da música ressaltar que esse setor econômico é lucrativo, é necessário evidenciar que o agronegócio não sustenta equitativamente o desenvolvimento econômico do Brasil, haja vista que essa atividade agrícola possui seu principal intuito atrelado à exportação, em que a riqueza produzida fica retida nas mãos de poucos.

Outro aspecto frequentemente encontrado nas músicas do sertanejo universitário é o retrato da ostentação, com as letras performando um estilo de vida glamoroso e associado à riqueza material. Altamente influenciado pelo status, esse processo pode ser relacionado à Sociedade do Espetáculo (1997), obra do escritor francês Guy Debord, em que retrata como as relações sociais sofrem por um processo de espetacularização.

Dessa forma, o processo de adotar um estilo de vida do campo, sem necessariamente pertencer a ele, é evidenciado por essas músicas que refletem a realidade de indivíduos que muitas vezes não têm contato direto com o ambiente rural, mas têm a renda a partir das atividades agrícolas. As redes sociais e os meios digitais desempenham um papel crucial como motor potencializador desse processo, como afirmado por Recuero (2012, p. 2): “[...] as conexões entre os atores são marcadas pelas ferramentas que proporcionam a emergência dessas representações”. Ao utilizar as redes sociais, apenas o lado positivo é exibido, ecoando a ideia de Debord (1997, p. 17) de que “o que é bom aparece e o que aparece é bom”.

Em tal perspectiva, apresentamos canções que exemplificam o universo da ostentação. Na mídia, uma canção como essa é retratada como um reflexo da identidade dos povos do campo. Complementando esse universo de exibição, a música “Dentro da Hilux” (2024), composta por Luan Pereira, Marco Carvalho e Mateus Felix, sendo interpretada por Luan Pereira, MC Daniel e MC Ryan SP:

Rolê de cidade de interior
Hoje nós não tá bom não, tá o mé
Só copão e as vodca de sabor
E as perversas de fivela e chapéu
Hilucão, o sonzão, insulfilme pretão
Elas na carroceria bate a bunda no chão
Hilucão, o sonzão, insulfilme pretão
E elas na carroceria
(Luan Pereira, MC Daniel, MC Ryan SP, 2024).

Ademais, outra canção que é complementar à representatividade dessa identidade cultural superficial, baseada em valores supérfluos de ostentação é a canção “Cowboy Misterioso” (2024), composta e interpretada por Ramon Cardoso. Vejamos:

Com cowboy misterioso
Que dá beijo no pescoço
Na minha roça, tu enlouquece
Realizo o seu prazer
(Ramon Cardoso, 2024).

Essa canção apresenta um substancial apelo para atrair o público por meio da erotização, utilizando sugestões e fantasias que captam a atenção e moldam uma versão estereotipada dos povos do campo. Isso contrasta fortemente com as canções do sertanejo romântico dos anos 1990, que valorizavam relacionamentos e histórias de amor. Outro aspecto das músicas atuais é a repetição superficial de termos, combinada com um linguajar simplificado, o que deixa de lado as narrativas contextualizadas presentes nos clássicos do sertanejo.

As canções atuais do sertanejo universitário frequentemente se destacam não pela narrativa rica e contextualizada que caracterizava o sertanejo clássico, mas sim pela repetição superficial de termos, reduzindo significativamente o impacto das histórias profundamente entrelaçadas nas letras das canções do período tradicional do gênero.

Desse modo, constata-se que o trecho das três canções apresentadas anteriormente, tencionam a sociedade do espetáculo, na qual a imagem e a aparência sempre positivam de forma ostentatória e são o mais essencial; nesse processo, apropriam-se de elementos da vida do campo para apresentarem seus ideais.

Portanto, entende-se que o sertanejo universitário se tornou um produto consumível que atende à lógica de defesa do agronegócio. As narrativas de superficialidade, exibição e consumo são uma vertente de defesa desse modelo de agricultura, que predomina na posse de terras no país. Ao utilizarem o nome sertanejo, substituem a autenticidade e a simplicidade da vida no campo, como foi apresentada pelo sertanejo clássico.

Referida perda de originalidade é exemplificada na canção que utilizamos para iniciar essas análises, a música “Memória Esquecida” (2002) composta por Campanário e José Rico, e interpretada pela dupla Milionário & José Rico:

Cadê o tal cantador de verdade
Com simplicidade, alma e coração
Apaixonado pela natureza
Cantava as belezas deste meu sertão
(Milionário & José Rico, 2002).

É importante destacar que essa música foi composta em 2002, há quase duas décadas, no início do sertanejo universitário. A música lamenta a perda da originalidade das canções em relação às tradições rurais, contrastando com a incorporação de elementos urbanos. Esse lamento ressoa na atualidade, em que a música sertaneja é execrada pelo consumo, ostentação e defesa do agronegócio, esquecendo os valores autênticos da vida “no” campo (identidade cultural) em favor de viver “do” campo (rentabilidade do agronegócio).

Dessa forma, a música sertaneja atual se revela bem distante de suas raízes, que valorizavam os povos que vivem no campo. Um elo hodierno com, por exemplo, os produtores rurais que trabalham a partir do modelo da agricultura familiar, que resistem ao esvaziamento populacional rural, seria uma possibilidade, mas parece ser um caminho longínquo. Valorizar e reconhecer esses sujeitos culturais e suas narrativas de vida é essencial para manter viva a identidade rural dos povos do campo.

Considerações Finais

Ao adotarmos uma abordagem multidisciplinar — integrada, complexa e multidimensional — recorreremos a diferentes áreas do saber para analisar a representatividade da identidade cultural dos povos do campo, por meio da interpretação de letras de canções sertanejas de diferentes épocas. Não negamos as produções musicais da atualidade, tampouco nos colocamos contrários ao sertanejo universitário. O que propomos é uma problematização sobre a quem esse subgênero realmente serve: se ele representa de fato os povos que vivem e trabalham no campo ou se atende, sobretudo, aos interesses dos grandes proprietários e empresários do agronegócio, que extraem seus lucros a partir do campo, mas não necessariamente se identificam com sua cultura e seus modos de vida.

Assim, verificamos que o sertanejo universitário representa uma tentativa de alterar as narrativas da identidade cultural dos povos do campo, levando-nos a questionar se essas novas

identidades representam realmente as pessoas que vivem no campo ou se refletem apenas uma identidade de pequenos grupos sociais, que se utilizam dessa base musical como ferramenta de manipulação midiática, promovendo um estilo que não representa os povos do campo, mas sim aqueles que retiram lucro da terra.

As visões apresentadas sobre a valorização da simplicidade da vida no campo através da agricultura familiar não são apenas nostalgia, mas sim uma possibilidade que ainda pode ser alcançada. Isso permitiria maior reconhecimento aos povos do campo, oferecendo oportunidades para aqueles que vivem e têm orgulho de sua identidade cultural, como retratado nas músicas sertanejas clássicas. Uma forma de atingir esse objetivo é a implementação de políticas públicas que contribuam eficientemente para a permanência dos pequenos produtores nas áreas rurais.

Dessa forma, a análise das letras das canções sertanejas em diferentes momentos, além de representarem uma evolução musical, projetam as transformações sociais e culturais ocorridas no campo, de modo que o sertanejo, enquanto gênero musical, é uma alternativa de visibilidade dos povos do campo.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

ATLAS DO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 302 p. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/atlas/tematicos/16362-atlas-do-espacorural-brasileiro.html?=&t=acesso-ao-produto>. Acesso em: 28 maio 2024.

BALSAN, Rosane. Impactos Decorrentes da Modernização da Agricultura Brasileira. Campo-Território: revista de geografia agrária, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 16, n. 16, p. 201-218, 2007.

CARDOSO, Ramon. Cowboy Misteriso. Composição de Ramon Cardoso. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ramon-cardoso/cowboy-misteriso/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS AGRICULTORES E AGRICULTORAS FAMILIARES. CONTAG lança Anuário Estatístico da Agricultura Familiar 2023. 2023. Disponível em: <https://ww2.contag.org.br/contag-lanca-anuario-estatistico-da-agricultura-familiar-2023-20230725>. Acesso em: 23 jul. 2024.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DENNIS. Ram Tchum (part. Ana Castela e MC GW). Composição de Guilherme Ferraz, Mateus Felix, Cantini e Léo Souza. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dennis-dj/ram-tchum-part-ana-castela-e-mc-gw/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

ECAD. Ritmos musicais mais ouvidos no Brasil. Escritório Central de Arrecadação e Distribuição. 2018.

FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. Agricultura familiar: contribuição para a segurança alimentar global. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/en/#home>. Acesso em: 17 maio 2024.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

JACQUES, Maria Graças. Identidade. In: STREY; M. N et al. Psicologia social contemporânea. Petrópolis: Vozes, p. 159-167, 1998.

KELLNER, Douglas. Guerra entre teorias e estudos culturais. In: KELLNER, Douglas. A cultura de mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, p. 25-74, 2001.

LEO & RAPHAEL. Os Menino da Pecuária. Composição de Leo Targino, Rapha Soares e Rodolfo Alessi. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/leo-e-raphael/os-menino-da-pecuaria/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

LOURENÇO & LOURIVAL. Franguinho Na Panela. Composição de Moacyr dos Santos e José Plínio Transferetti. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/lourenco-e-lourival/127299/#album:-franguinho-na-panela-2002>. Acesso em: 11 jul. 2024.

MILIONÁRIO & JOSÉ RICO. Memória Esquecida. Composição de Campanário e José Rico. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/milionario-e-jose-rico/830656/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A Geografia das lutas no campo. 9. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1999.

PEREIRA, Luan. Dentro da Hilux (part. MC Ryan SP e MC Daniel). Composição de Luan Pereira, Marco Carvalho e Mateus Felix. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luan-pereira/dentro-da-hilux-part-mc-ryan-sp-e-mc-daniel/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PRADOS, Rosália. M. N.; GERALDES, Mary. A. A cultura caipira: reflexões sobre multiculturalismo, educação e diversidade. Revista Extraprensa, v. 5, n. 2, p. 67-74, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77250>. Acesso em: 11 jun. 2024.

RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: VIZER, Eduardo (Org.). Lo que McLuhan no previu. 1 ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, v. 1, p. 205-223, 2012.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; ROCHA, Bruno Lima. LEMOS, I. A financeirização da mídia e o caso brasileiro da crise na Globopar. In: CABRAL, Adilson; CABRAL, Eula. Comunicação, cultura, informação e democracia. Lisboa/São Paulo: Media XXI, p. 149-166, 2016.

TELES, Gabriel. Música e valores: uma breve análise do sertanejo universitário. Sociologia em Rede, v. 9, n. 09, p.17-32. 2019. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/23>. Acesso em: 11 jun. 2024.

TONEZER Cristiane; TRZCINSKI Clarete; ARNS Carlos E. Impactos da modernização agrícola nas áreas rurais do município de Águas de Chapecó - Santa Catarina. Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, v. 10, n. 2, p. 51-64, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>. Acesso em: 27 maio 2024.